ALFREDO STERNHEIM

Entre o amor e a repressão

Entrevista a Carlos Maximiano Motta

Alfredo Sternheim se aproximou do cinema inicialmente como crítico. Suas primeiras experiências na prática cinematográfica foram como assistente do diretor Walter Hugo Khouri em A Ilha, **1963, e** Noite Vazia, **1964. Realizou diversos filmes de curta metragem, entre os quais,** Noturno, **1967,** Flávio de Carvalho **e** A Batalha dos Sete Anos, **1968, e** Isei, Nisei, Sansei, **1970. Foi indicado candidato à Coruja de Ouro por sua primeira direção em longa metragem,** Paixão na Praia. **Na curta metragem conquistou um Prêmio INC com** A Batalha dos Sete Anos, **1968**. FC

Zózimo Bulbul e Rossana Ghessa: "Pureza Proibida"

FILME CULTURA — Quais as circunstâncias que o levaram à direção, inicialmente em documentários, e depois na longa metragem?

ALFREDO STERNHEIM — Já havia, é claro, a vontade de fazer cinema em 1963, quando fui assistente de Walter Hugo Khouri em **A Ilha**. Khouri, como produtor, tinha de entregar um curta-metragem em troca da hospedagem da equipe numa colônia de férias em Bertioga. Então me confiou a direção de **Recanto Aprazível**, que assim foi meu primeiro documentário. Posteriormente fiz mais sete, sendo que vários me deram muita satisfação, notadamente **Noturno, Flavio de Carvalho, A Batalha dos Sete Anos** e **Isei, Nisei, Sansei,** todos os quais contribuiram para meu amadurecimento artesanal. A possibilidade de fazer **Paixão na Praia** surgiu quando houve um concurso de financiamento de roteiros inéditos no Conselho Estadual de Cinema. Este financiamento somado à produção de Alfredo Palacios e Antonio Polo Galante, deram como resultado o filme que foi "rodado" no Rio.

FC — Além do fato de você ser o diretor, existe algo em comum entre seus quatro longas-metragens?

AS — Sim. Embora pareça que não, há um ponto comum entre os quatro. Em todos o amor é o elemento que possibilita às personagens maior conscientização das coisas a seu redor, alterando o rumo de suas existências. E em todos o meio ambiente atua como elemento deflagrador desse processo. Em **Paixão na Praia**, a alta burguesia, o mundo grãfino e formal da classe "A". No **Anjo Loiro**, o ambiente da classe média em choque com o amoralismo típico de determinada parcela da juventude de nossos dias. Em **Pureza Proibida** é a vida monástica que cerceia a espontânea descoberta da natureza por uma jovem freira. E em **Lucíola** os sentimentos de culpa de uma cortesã e os rigores de uma época passada que cerceiam o amor natural e espontâneo entre dois jovens. Por coincidência, também, em todos os filmes os casais protagonistas são pessoas de diferentes condições sociais. Eu não me preocupei em ser autor no cinema, pois isto, afinal, é um luxo, sobretudo no Brasil, mas estou conseguindo fazer um cinema coerente tematicamente, através de histórias muito diferentes umas das outras.

FC — Como surgiram **Pureza Proibida** e **Lucíola**?

AS — **Pureza Proibida** surgiu quando atendi a um convite de Rossana Ghessa, que já tinha os direitos de filmagem do argumento escrito por Monah Delacy e que era um projeto que havia estado nas cogitações de Nelson Pereira dos Santos. O filme foi inteiramente "rodado" em Cabo Frio, com a preocupação de aproveitar inteiramente os cenários naturais, como parte integrante da ação. E acima de tudo, fazer o possível para que a história fosse intemporal e ao mesmo tempo lírica. **Lucíola** foi também uma proposta. Partiu a idéia dos meus produtores de **Paixão na Praia**. Eu já lera o romance de José de Alencar e ficara fascinado por sua riqueza psicológica. Mas também fiquei amendrontado, por causa das dificuldades que o enredo oferecia. Fazer filmes no Brasil já é difícil, ainda mais filmes de época como esse, desenrolado nos fins do século passado. Neste sentido **Lucíola** foi uma produção que mobilizou muitas pessoas. É paradoxal, mas as cenas intimistas exigiram a participação de 100 figurantes. Digo intimistas porque o que me interessa são os sentimentos dos personagens centrais. Apesar de exigir mais de 200 roupas e adereços, procurei não fazer uma fita deslumbrada consigo mesma, com a beleza dos ambientes, como aconteceu com Visconti em **Ludwig**, e com muitos outros diretores que acabam se perdendo com a riqueza dos "décors". Procurei fazer um filme profundamente romântico e sensual, como é o livro de Alencar, ao qual posso dizer que me mantive inteiramente fiel, sem fazer nenhuma alteração substancial. Agora só espero o sucesso de **Pureza** e **Lucíola**, porque são fitas de linhas diferentes no atual panorama cinematográfico do Brasil. E nosso cinema precisa de maior diversificação.

Carlo Mossy, Helena Ramos e Rossana Ghessa: "Lucíola"